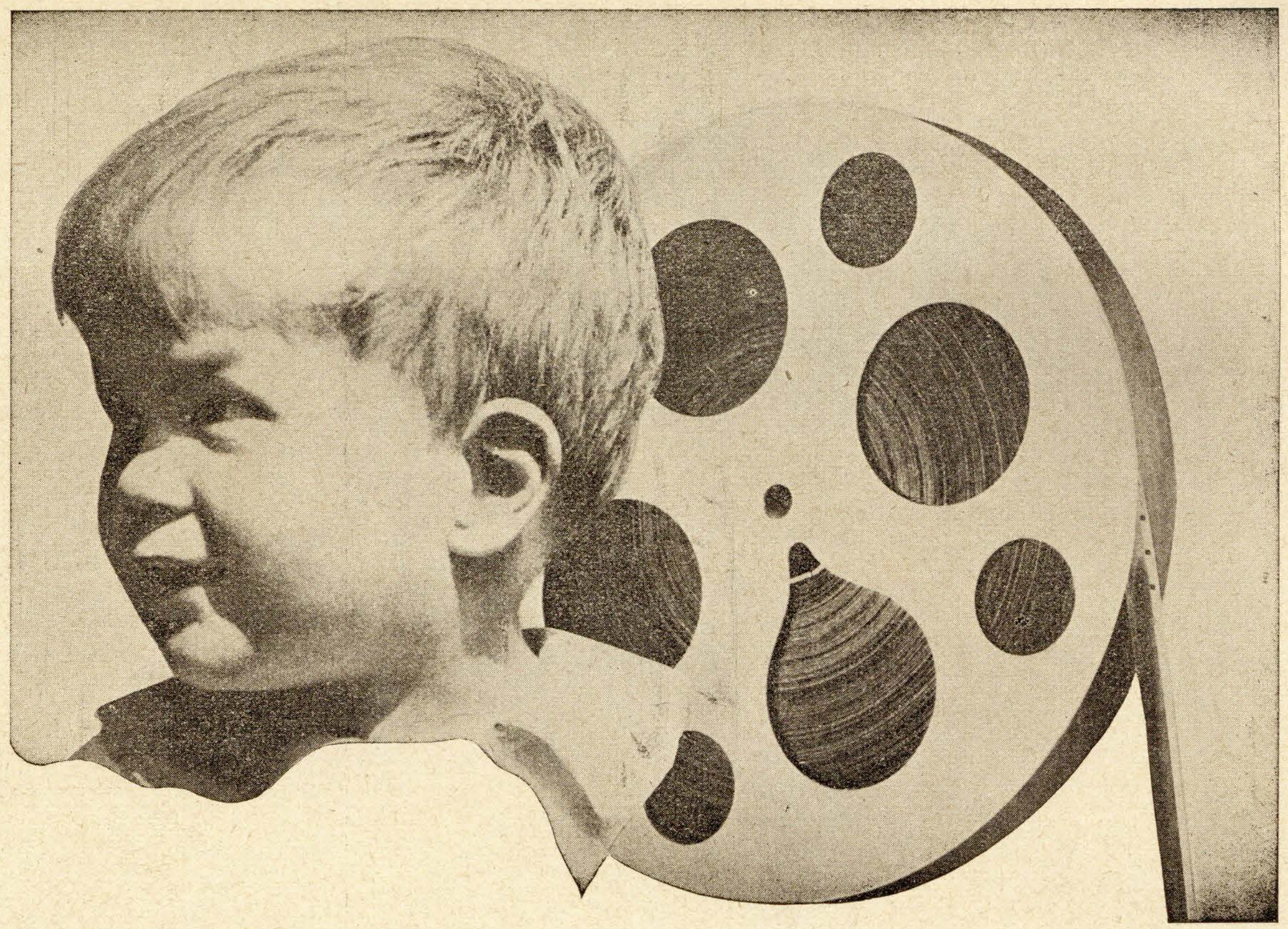
Nº 20

Clara Bow

CINEGRAFIA

PREÇO ESC. 1$50



O sorriso dos vossos filhos

Podereis revê-lo amanhã,... daqui a anos, sempre que o desejardes, utilisando um CINÉ KODAK

Já vos tem lembrado alguma vez que aquele encantador sorriso de Bébé, se modificará dentro em breve, que as suas interessantes feições, os seus brinquedos, serão num futuro próximo completamente perdidos?

Tudo isso que hoje vos encanta estará completamente mudado amanhã... a não ser que...

* * *

Pensai por um momento quanto vos agradaría, daqui a anos, sentar-vos comodamente no vosso lar e sentirdes de novo o mesmo encanto que hoje tendes quando observais os vossos filhos!? Ciné Kodak é o mago que vos transformará esse sonho em realidade!

Leve e comodo, o Ciné Kodak não exige conhecimentos especiais, nem quaisquer manipulações na camara escura. A simplicidade do seu manejo é enorme: carregavel em plena luz com Pelicula Ciné Kodak ininflamavel, basta premir um botão para que as scenas fiquem automaticamente registadas sobre o filme.

Depois V. Ex.ª envia o rolo aos nossos laboratorios, onde gratuitamente vo-lo transformaremos em positivo pronto a projectar.

Que razão tendes ainda para deixar perder esta oportunidade que se vos oferece de conservardes na vossa memória os vossos filhos tais como eles são hoje? Não vos interessam os seus encantos? Oh! certamente tal razão se não pode apresentar! O preço? Mas o Ciné Kodak é do mais modico preço tanto mais considerando a sua solidês a sua perfeita construção — Ciné Kodak não é um brinquedo —; além de que se desejardes podeis adquirir o vosso Ciné Kodak, tal como qualquer dos aparelhos fabricados pela Companhia Kodak, em pequenos pagamentos mensais.

Peça hoje mesmo detalhes a qualquer casa de artigos fotograficos

Ciné Kodak, modelo B, com objectiva especial f. 6. 5.	1.900$00
Ciné Kodak, modelo B, com objectiva especial f. 3. 5.	2.300$00
Ciné Kodak, modelo B, com objectiva especial f. 1. 9.	3.450$00

KODAK LIMITED — Rua Garrett, 33 — LISBOA

ANO I — Quinta-feira, 20 de Fevereiro de 1930 — N.º 20

Redacção e Administração:
T. da Condessa do Rio, 27
Telefone Trindade 96
LISBOA — PORTUGAL

ASSINATURAS
pagamento adeantado

12 numeros. . . . . 18$00
24 » . . . . . 36$00
Ultramar - 24 numeros 39$00
Estrangeiro - 24 » 75$00

Cinegrafia

A Revista Portuguesa de Propaganda Cinematográfica de maior tiragem e expansão.

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL CINEGRAFIA, L.DA

Director:
Anselmo Pinto Bastos Vieira
Administrador: *João Sá*
Editor:
Henrique Pereira Ferraz

Composição, impressão e gravuras de
BERTRAND (Irmãos), L.da
T. da Condessa do Rio, 27
LISBOA — PORTUGAL

Colleen Moore, estrela da "First National„ que últimamente interpretou com geral agrado os primeiros papeis de Lilac Time, Why be good e Smilking Irish Eyes, *no principal papel de* Foothlights and Fools.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A galinha da minha visinha...

NO nosso país raro é aquele que não tem por hábito dizer mal. E' um vício como qualquer outro. Diz-se mal por gôsto, por satisfação e por necessidade, até. Só o que vem do estrangeiro, o que se importa, é que presta, é que é bom! E, ás vezes, senão sempre, vem obra asseada, não há duvida!

Lembra-nos isto um caso que nos foi contado por certo comerciante: «Um dia, uma senhora entrou no seu estabelecimento e pediu meias. Apresentaram-lhe umas excelentes, nacionais, cujo preço não ia além de trinta escudos. A senhora confessou que, de facto, as achava boas mas queria umas melhores, estrangeiras. Responderam-lhe que, no momento, não as tinham, mas que aquelas meias satisfaziam inteiramente. O argumento não foi suficientemente convincente e a freguesa ia retirar-se. O dono da casa teve uma inspiração:

— Esquecia-me dizer a V. Ex.ª que tenho ainda ali três pares de meias francesas. O seu custo, porém, é de setenta e cinco escudos.

— Deixe-as vêr — responde a ingénua cliente.

E... apareceram outras meias. A senhora viu, mexeu, e mandou embrulhar um par. Aquelas sim, eram boas, mais caras, mas melhores! E... saindo, levou umas meias iguais ás primeiras, tão iguais, que eram as mesmas, metidas noutra caixa».

Como êste há muitos, muitíssimos casos idênticos. A certeza da sagacidade, facilita o ludibrio. Isto vem a proposito daqueles que têm ou conseguem capitais para filmes e os põem á disposição dêste ou daquele «metteur-en-scène», contanto que seja estrangeiro.

Sômos insuspeitos. Nunca fizemos nem tentámos fazer parte de qualquer empresa exploradora de filmes.

O que de facto, para nós portugueses, é triste de constatar, é que sendo Portugal um país tão lindo, exuberante de paisagem, onde há pessoas indiscutivelmente artistas, capazes de rivalizar com os estrangeiros, e onde a industria cinematografica se poderia desenvolver, isso não acontece. Porquê? Porque os capitais se retráem. O mêdo, o receio de fracassos assalta constantemente o espírito dos capitalistas, da gente que poderia fazer qualquer coisa de util entre nós e que se recusa para se entregar abertamente e ingenuamente nos braços do primeiro estrangeiro que se diga emérito!

E', ou não, isto uma verdade?!

O capitalista que, num gesto largo, financeia com uma meia duzia de contos uma empresa que se propõe filmar, só fica satisfeito se o filme obtido o reembolsar da quantia dispendida, de outro modo, o realizador não presta e o financiamento é retirado.

Merecem elogios aqueles que, a despeito de tudo e de todos, de más vontades, contrariedades e de todas as coisas mesquinhas da nossa terra, querem mostrar áqueles, sugestionados pelo estrangeirismo, *que em Portugal também há arte, e realizadores.*

PELO NOSSO PAÍS

A linha de conduta rígida e inflexivel que desde o primeiro numero vimos mantendo, tem sido incompreendida por muitos, que a tomam por uma prova de fraqueza da nossa parte.

Cinegrafia *nunca desejou enveredar pelos turtuosos caminhos da intriga, como nunca quís entrar em disputas com pessoas a quem considera de inferior categoria moral. Timbrou sempre* Cinegrafia *por uma grande lealdade para com todos; ninguem, absolutamente ninguem, pode acusar de desleais ou de menos correctos os processos de trabalho adoptados dentro desta revista. Poderemos ter cometido erros — quem não os pratica? — poderemos ter-nos iludido nas apreciações dos factos, mas nunca descemos a, por qualquer forma, apreciar incorrectamente qualquer pessoa, ou qualquer acto.*

Cinegrafia *é uma revista de propaganda cinematografica, e não um panfleto. Não interessa, em geral, ao publico que o sr. A. ou o sr. B. — quaisquer ilustres desconhecidos — discutam, em nome da sua* comprovada e longa *experiencia artística e técnica, —que todos desconhecem—determinado facto, unicamente no intuito de se evidenciarem.* Cinegrafia *não se presta a ser degrau de ambiciosos, como não deseja de forma alguma, discutir com pseudos criticos, jornalistas, reclamistas, fotografos ou legendistas, que desempenham todos estes honrosíssimos cargos apenas na imaginação. Já uma vez aqui o escrevemos: «O jornalista maneja a sátira, a ironia, a graça, a* blague, *a piada, mas jámais pode perder de vista a sua posição e a sua função social».*

Que o entendam todos, mesmo aqueles que, até hoje, nos têm visto ficar silenciosos perante as insinuações torpes e soezes daqueles que, no intuito de se evidenciarem, as têm escrito.

Fazemos hoje uma excepção á nossa regra de conduta, e aberto êste precedente, prometemos aos nossos leitores não mais enveredar por esse caminho.

POR absoluta falta de espaço e por não termos desejado encetar uma discussão fastidiosa e despida de interêsse para os nossos leitores, não publicámos, no nosso ultimo numero, a seguinte carta:

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1930.

Sr. Anselmo Pinto Bastos Vieira, meu prezado amigo: — *Viu o efeito do* grave *êrro da* Cinegrafia, *chamando-me realizador do filme de Angola? Certamente o surpreendeu a carta do sr. Sá, a mim, não, porque o conheço; quando lhe afloram os instintos, não raciocina, gesticula...*

Para não perder muito tempo, nem estragar muito espaço a Cinegrafia, *remeto-lhe alguns documentos, donde se deduz:*

(a) — Que o sr. Sá não pode ter sido o realizador do filme, porque se mostrou até incapaz de suportar as responsabilidades que lhe cabiam como operador.

(b) — Que se havia um chefe dentro da Missão Cinematografica, esse chefe era o signatário.

Sobre a «larga reportagem», a que se refere o sr. Sá, procurei os jornais a que faz mensão, na Biblioteca da Agencia Geral das Colonias, e verifiquei que como «larga reportagem» dos 20:000 quilometros que percorreu a missão em Angola, o sr. Sá publicou dois artigos literarios: um sobre uma caçada no deserto de Mossamedes; outro sobre a pesca da baleia; li êste ultimo, e confrontei-o com as minhas notas publicadas na Cinegrafia *que causaram os engulhos do sr. Sá; posso dizer-lhe que de comum entre si, não têm, nem... o assunto.*

Apurado isto, parece-me que não merece a pena gastar mais cera... nem mesmo merece a pena chamar caluniador ao sr. Sá; tomo apenas a liberdade de recomendar-lhe que medite sobre as virtudes do silêncio... e que tenha juizo, porque já tem idade para isso.

Pedindo-lhe me desculpe por abusar do seu precioso tempo, creia-me,

Amigo devotado
Antonio da Matta

Lisboa, Rua da Betesga, 43, 4.º

O sr. Sá não meditou, e, consequentemente, escreveu, passando a si próprio o maior atestado de incompetencia técnica que humanamente se pode dar. Afirma o sr. Sá que, se êle estivesse dirigindo a montagem do filme, apenas aproveitaria 500 metros! Ora o sr. Sá invoca para si as honras de realizador e operador; é, portanto, de sua exclusiva responsabilidade o lamentabilíssimo facto de, de 15:000 metros de filme virgem impressionado em Angola, sómente se poderem aproveitar, segundo a sua propria e *abalisada* opinião *artística,* 500 metros!!!

O sr. Sá não chamou plagiador ao seu companheiro, sr. Antunes da Mata, mas in-

(Continua na página 8)

O NOSSO INQUERITO

FALA MARIA SAMPAIO

Mais um voto para a arte alemã...
—e outro em especial para Ivan Petrovitch

Cara a "Cinegrafia"
Affectuosamente
Maria Sampaio

UMA entrevista desenhada em velocidade — uma projecção de entrevista. Uma troca de impressões curta, cinematográfica — sintética.

Vai falar Maria Sampaio — uma das figuras mais interessantes dos valores novos do teatro português, um lugar garantido na declamação e uma nota de graça no teatro ligeiro.

Ficava bem ir ouvir o seu parecer — o parecer de uma artista da mais moderna geração — depois de arquivarmos os juizos de alguns dos consagrados. E fômos...

Maria Sampaio, gentilmente, dispõe-se a responder-nos — a falar-nos, mesmo antes de lhe dirigirmos qualquer pregunta...

— Se gosto de Cinema! Pois a minha iniciação artística foi precisamente na interpretação de um dos primeiros filmes portugueses! Tinha eu quinze anos, quando consegui que a mamã permitisse que eu fizesse o papel que me distribuíram em O Condenado, *de Afonso Gaio.*

Maria Sampaio aproxima-se do espelho, dá um retoque de graça no chapeu —no seu grande chapeu de palha com que a vêmos agora em alguns quadros da revista em scena no Trindade.

— Outros filmes...

— Depois, deixe vêr... A Morgadinha de Valflôr, O Diabo em Lisboa, *de que nunca cheguei a saber mais nada. O Leitão de Barros convidou-me, ultimamente, a tomar parte no documentário que anda realizando, sobre Lisboa, mas ainda não chegou a minha vez... Estou ansiosa, pode crêr!*

A artista de Teatro vinha revelar-se-nos, também, no mesmo sentido dos depoimentos já aqui registados, uma entusiasta ardente da arte do Cinema...

— ...

— Eu gosto imenso do Cinema, mas apenas de bom Cinema... e não me parece que ele possa ser prejudicial ao teatro, mas, evidentemente, também ao bom Teatro... Quere vêr o que sucede comigo? Eu, ás vezes, quando vou a um cinema, se o filme, logo de princípio, não tem qualidades que o façam impôr ás minhas simpatias, sáio no meio da sessão. Não sou capaz de ficar mais tempo. E isto sucede também — todos o sabemos... — em alguns espectaculos de Teatro...

Nós iamos registando, interessadamente, a clareza e a vivacidade com que Maria Sampaio apresentava os seus pontos de vista...

Agora um momento de silêncio — de reconsideração... Depois, uma pregunta nossa:

— Nas suas especiais predilecções, prefere os filmes europeus ou os americanos?

— Tanto a América como a Europa nos têm dado muitos filmes bons e muitos filmes... menos bons. O bom filme, repito, tem sempre a minha admiração. Mas, como técnica, como arte pura, prefiro absolutamente a produção alemã, que nos apresenta assuntos mais emotivos, tratados com mais originalidade — porventura até com mais humanidade, mais sentimento...

— Alguns filmes e alguns intérpretes?

— Isso mesmo: Variedades, *com Emil Jannings. Que extraordinário trabalho e que enorme artista! Não lhe parece?*

Concordámos, por cortezia e com convicção...

E a artista prossegue:

— Admiro imenso Jannings. Tenho visto dêle quasi tudo o que entre nós tem sido exibido, mas, já agora, deixe-me dar-lhe uma opinião minha: no Patriota, *achei que Lewis Stone lhe não ficou nada inferior... Dois galãs, que eu muito aprecio: John Gilbert e Ivan Petrovitch... Gosto muito do Petrovitch, acho-o muito distinto, muito correcto. Tenho pena que não apareçam cá mais trabalhos dêle...*

Maria Sampaio terminou a sua toilette... *Está quási a entrar em scena... Mas, a requintar a sua amabilidade, fala-nos ainda, com o melhor elogio, da nossa revista, de que se declara leitora costumada e entusiasta. No fim, com a sua mão firme, traça sobre a sua fotografia as palavras amabilissimas com que os nossos leitores iniciaram, por certo, a leitura desta página...*

N=O=T=I=C=I=A=S= =S=O=L=T=A=S

Progressos do sonoro...

UMA companhia americana resolveu, de acôrdo com algumas companhias ferroviarias, instalar, em vagões especiais, o cinema-sonoro. Desta sorte, a população de algumas pequenas cidades e vilas, que não possuem animatografos montados com êste novo processo, poderão vêr as mais modernas produções da sétima arte.

Há quem pense tambem adoptar o mesmo sistema para aviões. E, como sempre, haverá uns basbaques, que ao ver partir o avião levando consigo êste novo género de cinema ambulante, não deixarão de dizer: — «Lá «voou» o sonoro...».

Uma eleição justa

OS alunos da Universidade de Nova York elegeram, como a mais popular e mais simpática actriz de cinema a gentil Esther Ralston. O numero de estudantes reunidos era de 18.126. Esther Ralston obteve 12,133 votos.

Cinegrafia

Foto "First National„
Excl. Port. Cinegrafia

Alice White, a joven "estrela„ que tem grande simpatia no público americano, mas que, por contra partida, é pouco estimada pelas suas colegas, na nova produção da "First National Pictures„ Playing around.

de todo o mundo

ALEMANHA

Alcançou grande êxito, na sua primeira exibição em Berlim, a nova comédia sonora da Ufa, *Se algum dia deres o teu coração,* com Lilian Harvey, Igo Sym e Harry Halm. No final, o publico tributou ao realizador, dr. Johannes Gutter, e aos interpretes uma prolongada ovação.

● A Faculdade de Sciencias da Universidade de Berlim convidou o grande realizador russo S. M. Eisenstein a dirigir ali um curso sobre o cinema.

● Está concluída, devendo em breve ser apresentada ao publico berlinense, a produção Ufa, *O diabo branco,* com Mosjukine, Lil Dagover e Betty Amann.

● *Coração ardente* é uma nova película dirigida por Reinhold Schuntzel, com a interpretação de Mady Christians, Willy Fritsch e Frieda Richard.

Pamplinas prevê grandes mudanças nas comédias cinematográficas

Diz Buster Keaton que o mal das comédias de cinema está no facto de o publico logo adivinhar, de começo, o seu epílogo. Por isso, o cómico que nunca ri está estudando novas formas de realizar as suas comédias, agora que a sua actividade se desenvolve principalmente no cinema falado.

O sistema de começar as comédias com um ar sério, para depois caír na farça, não é o melhor, porque só desde o início é que se pode estabelecer nitidamente a acção. Para Pamplinas, o melhor princípio para uma comédia sonora é a ópera cómica, para a qual o artista augura um grande êxito.

E aí têm uma amostra de argumento, do género que o cómico anuncia:

O espectaculo começa com um côro. A pouco e pouco vai-se ouvindo o ensurdecedor éco das aclamações ao rei que chega. Acaba o côro com uma misturada tremenda de sons — gritos humanos, ruídos de trombetas anunciando a entrada do soberano, que, finalmente, aparece, com um grande nariz, talvez mesmo em camisa de dormir... á procura dos sapatos.

O primeiro ministro anuncia a «sua majestade» que o exército inimigo lhe está invadindo os domínios, «mas — acrescenta — fique sua majestade em paz que perderá o reino mas não perderá a rainha...» Mas isso, justamente, é que o aterroriza, porque a rainha é uma megera que raro é o dia em que o não espanca...

Com o cinema falado, entende Buster Keaton que grandes portas se abrem á comédia, permitindo a fuga ao habitual sistema do cómico, *a* rapariga... *e o* marido ciumento, *que o publico já detesta.*

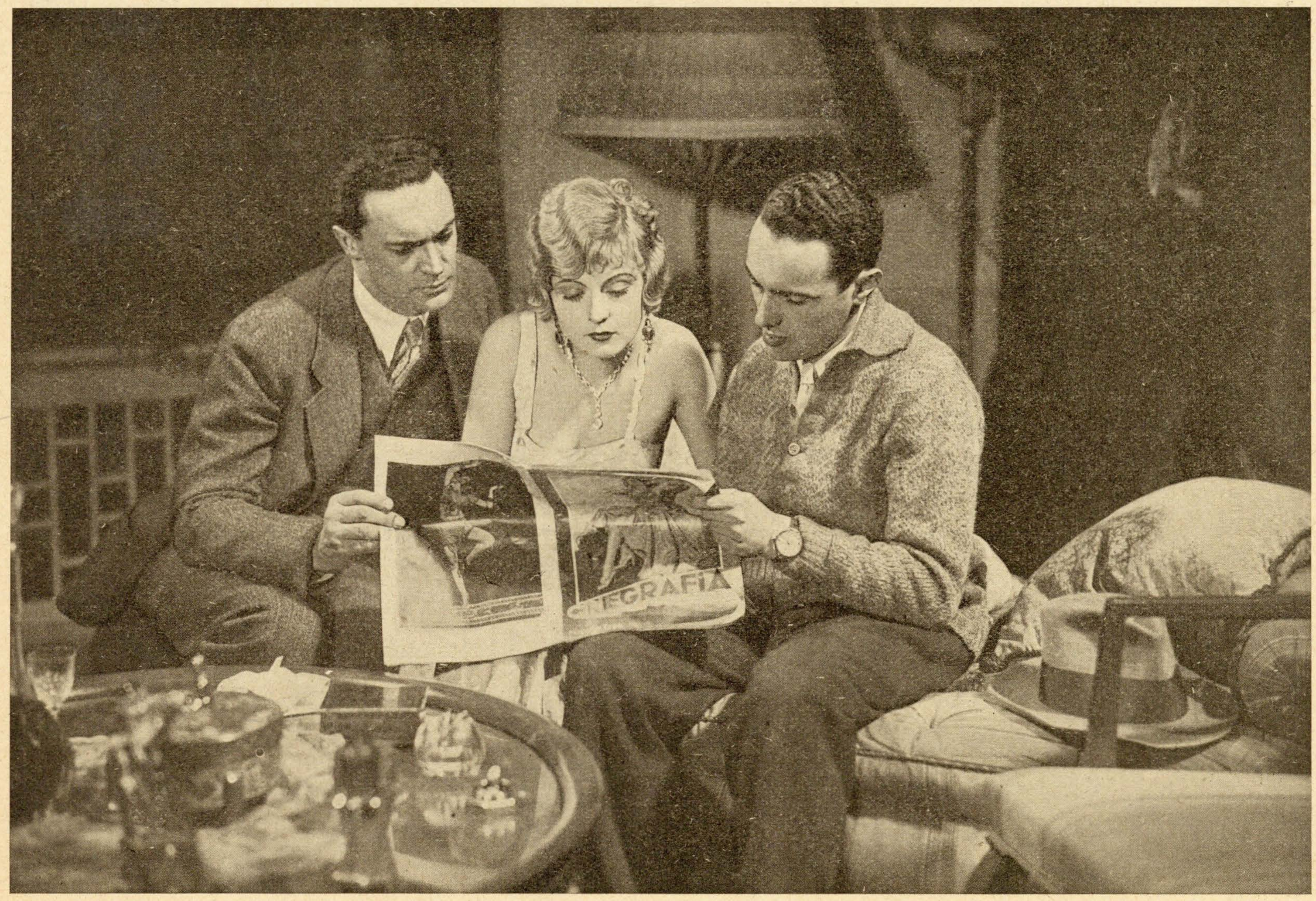
● O escandaloso caso da falência Emelka, a que já o nosso correspondente se referiu, parece estar parcialmente arrumado. Chegou-se a dizer que uma firma americana estava na disposição de comprar todos os lotes disponiveis de acções, mas o govêrno alemão deliberou não consentir na desnacionalização, comprando 51 por cento das acções da empresa em perigo.

AMERICA

Em Hollywood começou a versão alemã de *Anna Christie,* a primeira sonora de Greta Garbo.

● Johny Mack Brown, o parceiro de Joan Crawford em *Our dancing daughters,* de novo trabalhará a seu lado em *Montana,* novo filme que a M. G. M. em breve começará.

● Diz-se que Lon Chaney não entrará mais em produções sonoras. O seu grande valor é para a arte muda.



Os conhecidos "astros„ alemães Gustav Diessl, Camilla Horn e o realizador Mark Sorkin lêem a nossa revista, durante um intervalo de filmagem da nova produção da "Hom-Film„, Moral à meia noite (Moral um Mitternacht). "Foto Hom-Film„

De todo o mundo

● O director Van Dyke terminou, na Africa, a realização do seu filme *Trader Horn,* para a Metro, a que, na devida altura, fizemos larga referencia.

● Olga Baclanova voltou para a America, onde começará, em breve, a trabalhar em novos filmes.

● *City Lights,* o filme que o grande «Charlot» vem realizando há tanto tempo, tem agora mais uma interprete, segundo se diz em Hollywood. Georgia Hall parece ter sido chamada para ir trabalhar ao lado de Charlie Chaplin.

● Lois Wilson foi contratada pela Radio para desempenhar o principal papel do novo filme de Richard Dix, *I love you,* adaptação cinematografica da obra de William Le Baron. Realizador desta produção será Melville Brown; Lois é secundada por Helen Kaiser, Rita La Roy e Anthony Russel.

● *Beau Bandit* é o nome do novo filme de Rod la Rocque e Daris Kenion. Trata-se da versão cinematografica da novela de Wallace Smith, *Strictly Business.*

● Jeannett MacDonald é uma das novas e grandes «estrelas» do «sonoro». Distinguiu-se muito, ultimamente, nos quadros de «music-hall» *Boom-Boom, Angela* e *Yes, yes Yvette.*

● Mary Brian alcançou grande sucesso no filme falado da Paramount, intitulado *The Children.*

Nesta película, tambem desempenha um importante papel Lilyan Tashman.

● Uma noticia sensacional, mas que ainda não está confirmada: A Radio-Keith-Orpheum vai fusionar-se com a Metro-Goldwyn-Mayer.

● *A noiva 66* será uma nova produção da United Artists... Já vimos *A noiva 68,* e deveria ter chegado... *A noiva 66* será agora Lois Moran...

● O proximo filme de William Haynes intitular-se-há *Fresh from College.* O argumento é interessante e a esta nova produção «Metro» parece de antemão assegurado grande êxito. Secunda William Haynes a gentil Leila Hyams. A realização é de Sam Wood.

● *O Misterioso dr. Fu Manchu* é um filme Paramount, que agradou em absoluto na America. O papel principal é interpretado por Neil Hamilton.

● Evelyn Brent caminha de sucesso em sucesso. *Woman Trap (Armadilha de mulher)* é um dos seus recentes êxitos.

FRANÇA

René Clair continua dirigindo, no «studio» Epinay, a filmagem de *Sous les toits de Paris,* com Albert Préjean. As scenas ultimamente filmadas passam-se no quarto de Préjean, que faz o papel de um desportista. No seu quarto vêem-se, coladas nas paredes, páginas de revistas desportivas.

● A França está levando a efeito uma iniciativa, bem digna de ser seguida entre nós. Trata-se da realização de pequenos filmes de propaganda das estancias termais, elaborados com o concurso dos médicos directores das clínicas.

● Adolphe Menjou continua em Paris, a trabalhar activamente em *Mon gosse de père,* devendo regressar á América logo que esteja concluída a filmagem daquela produção francesa.

● André Luguet, ex-societario da «Comédie-Française», partiu para Hollywood.

● *Illusions* foi uma... desilusão... Assim nos é comunicado de Paris.

● *O capitão amarelo,* filme desempenhado por Inkischinoff, já está terminado. Assegura-se que o principal interprete de *A tempestade na Asia* ficará em França.

INGLATERRA

Alfredo Hitchcock terminou a realização, para a British, de *Juno and the Paycok,* baseada sôbre episodios das lutas anglo-irlandesas do século passado.

● Começou a liquidação judicial da British Talkin-Pictures. Pelos vistos, o cinema sonoro deu pouco no reino unido...

● Vão ser construídos, em East Molesey, condado de Surrey, Inglaterra, pelo coronel W. W. Power, três grandes «studios». As obras estão avaliadas em £ 350,000.

● Consta em Londres que Charlie Chaplin visitará a sua pátria em Abril próximo, depois de ter concluído o seu filme *City Lights.*

● *Smoke and Steel (Fumos e aço)* é o título duma grande película realizada por John Grierson. Desnecessario é dizer que a acção dêste filme se desenrola essencialmente no meio industrial inglês.

Ultima hora

ALEMANHA

A Ufa terminou a filmagem de *O anjo azul,* filme em que o principal papel é desempenhado por Emil Jannings. A realização é de Joseph von Stemberg.

● *Wien, Stadt der Lieder* é um filme sonoro representado por Charlotte Ander e Siegfried Arno.

● Intitula-se *O gabinete de curiosidades* o mais moderno documentário sonoro, ainda em via de conclusão. Um diálogo cuidado substitui as velhas e prolongadas legendas do filme mudo, nesta produção que a Ufa vai realizar sob a direcção do dr. Ulrich K. T. Schultz. As vistas representam a vida no fundo dos mares, sob uma forma nova, até hoje por revelar aos olhos da humana gente. Este filme, unico no seu genero, será levado a efeito na costa siciliana.

PELO NOSSO PAÍS

(Continuação da pagina 4)

voca para si *direitos de propriedade artística* no artigo sobre a pesca da baleia. Não é um tostão, são cinco vintens..., a não ser que no cérebro do sr. Sá a propriedade artística seja palavras sem sentido.

De resto, sr. Sá, vá novamente filmar «as remansosas paragens das tranquilas e bucólicas aguas dos riachos da metropole...», e deixe-se de escrever, porque o pedestal em que tão alto se colocou a si próprio é mais fragil que o barro.

«Medite sobre as virtudes do silencio», sr. Sá...

É-NOS grato constatar que a industria cinematografica se tem desenvolvido, ultimamente, entre nós. Assim, podemos hoje comunicar aos nossos leitores algumas interessantes notícias. A Ulyssêa-Filme já iniciou a filmagem de uma pequena comédia de silhuetas animadas, que dentro em breve deve estar concluída. Uma cópia do documentario *Alfama,* produção da Ulyssêa e realização do sr. dr. João de Almeida e Sá, foi vendida para a Polonia.

O filme *Vêr e amar,* que, ultimamente, se filmou no jardim de inverno do São Luíz, já está montado, e deve ser exibido, pela primeira vez, na proxima terça-feira, no São Luíz. A Coimbra Films, Limitada, organizou um grande documentário sobre a vestuta e formosa cidade do Mondego; êste filme é especialmente destinado ao Brasil e tem, segundo nos informam, 1:500 metros.

O *Colar da Rainha* é, como já noticiámos, uma das produções francesas que maior êxito obtiveram recentemente em Paris, exibindo-se, durante quinze semanas consecutivas, no «Cameo». A cópia desta produção Aubert-Franco Film, realizada por Gaston Ravel — o animador de *Figaro* — já se encontra em Portugal, devendo, brevemente, ser corrida num dos nossos primeiros animatografos.

LISBOA, o documentario de Leitão de Barros, deve ser, brevemente, exibido, sendo corrido, poucos dias depois da sua estreia, em varios salões da capital. O filme *Maria do Mar* ainda não tem a data da primeira exibição fixada.

DA gentil e jovem artista portuguesa Rosa Maria, recebemos um amavel bilhete, que muito agradecemos e que, a seguir, gostosamente publicamos:

Senhor Director:

Venho agradecer-lhe muito reconhecida a amabilissima inserção da entrevista por mim concedida a um redactor dêsse jornal, e que a Cinegrafia *teve a gentileza de publicar no seu ultimo numero. Sou com elevada consideração,*

12-2-1930.

De V.
M.to Att. e Obg.
(a) Rosa Maria

A Coimbra-Films deve, brevemente, exibir, em Portugal, as produções italianas da Pittaluga, *Judith e Holofernes,* e *Um club de pandegos.* Esta firma tambem possui o exclusivo para Portugal de *Paris—Nova York—Paris.*

CAPAS Negras tem tido um grande êxito na Europa. A Coimbra-Films enviou, ultimamente, duas cópias para o Brasil.

DOIS títulos que foram modificados: o de *A Legião dos Condenados,* passou a ser *Pilotos da Morte;* o de *Porque te amo (Parce que je t'aime)* será *Idolatria.*

A MULTIDÃO

O argumento da celebre realização de King Vidor para a "Metro Goldwym Mayer"

Comemora-se a independencia da America, 4 de Julho, e, enquanto na rua se ouvem as manifestações da multidão que se diverte, John Sims escuta os primeiros vagidos daquele que deverá ser, no futuro, todo o seu orgulho. Mas, o nascimento do filho, custa a vida da mãe. Os anos correm velozes, e quando o pequeno John Sims conta já doze anos de idade, um estupido acidente rouba-lhe o pai. Inicia-se então para o pequeno um período de luta sem trégua contra a adversidade. John Sims encara corajosamente a vida e, sempre contra o destino, é, ainda volvidos anos, apenas um membro da multidão de empregados comerciais de Nova York.

Uma noite, para fazer a vontade a Bert — um seu amigo — John aceita um passeio a Coney Island, na companhia de duas raparigas, Jane e Mary, por quem John se apaixona e com quem chega a casar, indo passar a lua de mel para a região das quedas do Niagara, onde alugam uma pequena casa.

Na noite de Natal, os pais e irmão de Mary chegam para jantar. Mas, no meio do jantar, surgem umas altercações a que John não pode assistir sem desgosto. Procura um pretexto para se afastar, e decide ir comprar genebra, que não há em casa, mas acaba por ir jantar com Bert, o seu amigo. Embriaga-se e só de manhã volta a casa, fazendo esquecer o incidente com os presentes que tinha comprado para Mary.

Algum tempo depois encontramos Mary e John almoçando. A vida de casados torna-se-lhes pesada e aborrecem-se mutuamente. Ela ameaça ir-se embora. John, ao saír para o trabalho, diz-lhe que a decisão dela lhe agrada. Quando a porta se fecha, Mary chora e corre á janela a chamar John. Com dificuldade, ele volta sómente para ouvir de Mary que ela espera ter um filho. Torna-se solicito, promete emendar-se, assim se mantendo o casal por mais uns meses, até que a família é aumentada com o risonho choramingar do primeiro filho. Os anos seguintes decorrem alegres. Um dia, mesmo, John ganha o prémio de 500 dolares num concurso de cartazes. Com o valor do prémio alcançado, John traz para casa brinquedos para os filhos e um novo vestido para Mary. Ambos vão á janela para chamar os pequenos, que estão no meio da rua, para virem vêr a surpreza. Quando as crianças atravessam a rua, a pequenita é esmagada sob as rodas dum grande camião. Chamando o médico, Mary e John ficam ansiosos e fazem preces pelo restabelecimento da pequenita. O pai, na sua dôr intensa, julga que a vida de todo o mundo está suspensa na vida de sua filha. E, para rapidamente o desenganar, sucede que perto da casa há um fogo, ao qual acorre uma *multidão*. John implora o silêncio, mas a *multidão*, indiferente, numa corrida louca, quási o esmaga. E a filha morre. Seguem-se dias sombrios. A visão do acidente não deixa John. Não se pode concentrar no seu trabalho, deixando finalmente o seu emprego, numa explosão de desespero. Procura lançar mão a variadas ocupações, tornando-se cada vez mais desanimado á medida que o tempo passa, visto que não consegue ser mais que um membro incógnito da *multidão* de desempregados. A situação do casal vai de pior a pior, tendo que se decidir a procurar abrigo numa modesta casa. Mary ocupa-se de costura, enquanto John continua procurando trabalho. O irmão e o pai dela oferecem-lhe uma situação, mas a sua altivez recusa-a. Mais tarde, eles desgostam-se com John e vêm visitar Mary, com o intento de a levarem para casa. Entretanto, John saíra desanimado, sem energia, pensando na sua trágica situação. O pequenito acompanha-o. Aproximam-se da ponte que está sobre a via ferrea e John pensa no suicídio. Tenta saltar, mas falta-lhe coragem. Ao voltarem a casa, o pequenito exclama que deseja ser como o pai. As palavras do filho dão que pensar a John, que resolve lutar e vencer. Ao voltar a casa traz a notícia de haver tomado a seu cargo a exploração de um estabelecimento. No regresso encontra os irmãos de Mary, persuadindo-a que o deixe. Ela hesita, mas mostra o seu desgôsto por John. Os irmãos intervêm quando John lhe pede que fique, seguindo-se uma luta, em que John consegue expulsá-los, lutando corpo a corpo. Mary segue-os, serenamente, e John fecha a porta sobre ela, com o coração desfalecido. Ele tinha-lhe falado da sua nova ocupação — não era muito, mas era começar de novo... John compreende então que Mary lhe escapou.

Ela hesita, os seus olhos banham-se em lágrimas. Os irmãos insistem com ela para vir, mas ela subitamente exclama: «Loucos, não vêdes que o não posso deixar? Não vêdes que o amo?».

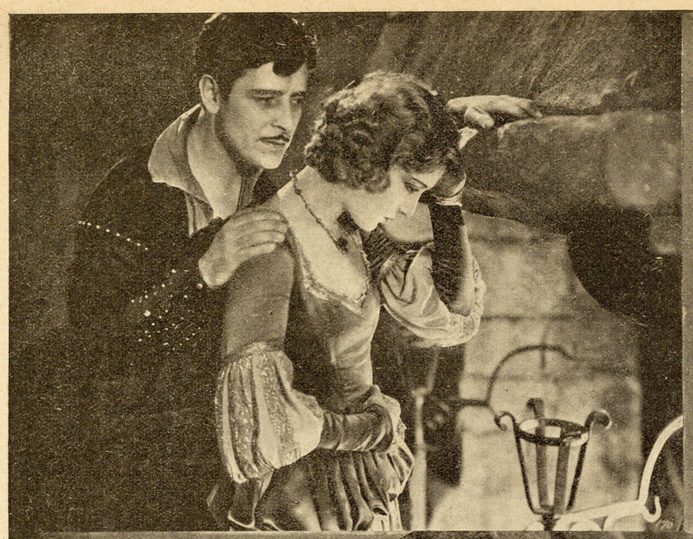
Mary volta e é abraçada por John, agora possuído duma felicidade indizível...

E, festejando a reconciliação, com o primeiro dinheiro ganho e as primeiras economias, John, Mary e o filho assistem a um espectáculo, perdidos entre uma *multidão* de espectadores, aquela turba-multa de gente, onde todos se olham e poucos se conhecem.

Gus Edwards é um descobridor de talentos infantis. Ei-lo com as suas discípulas

Foto M. G. M.

Cinegrafia — *Pag. 9*



MASCARADO

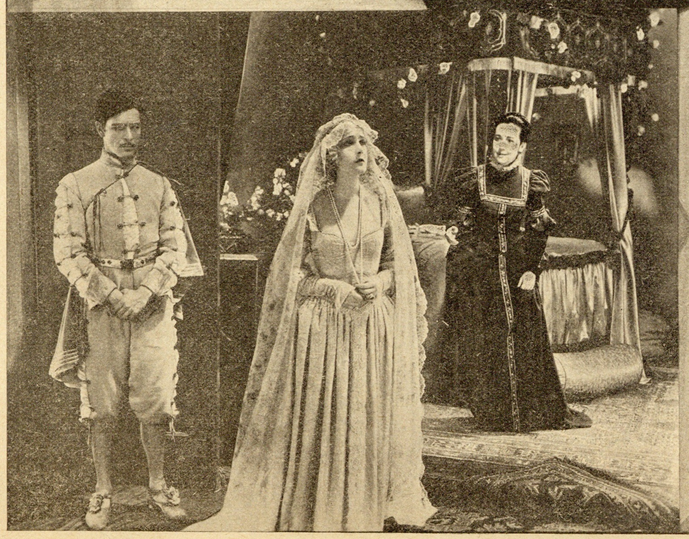
(TWO LOVER)

com

VILMA BANKY e RONALD COLMAN

REALIZAÇÃO de Fred Niblo

PRODUÇÃO United Artists



CORRESPONDENCIA

MARIUS PLATO — *Coimbra* — Muito gratos pela sua carta. Só hoje nos foi possivel responder, de que pedimos desculpa. Na secção *Entre leitores* publicamos, gostosamente, o pedido do enscenador italiano.

MISS X. P. T. O. — Agradecemos a sua intenção, mas só é remunerada a colaboração pedida por nós.

UMA ADMIRADORA DE DOLORES DEL RIO — A nossa revista está esgotada até ao n.º 9. Dêste numero, temos pouquíssimos exemplares. O numero 10, exgotadíssimo, e os que se seguem pouco lhes falta para terem a mesma sorte. Veja a secção *Entre leitores*, talvez por aí consiga o que pretende. Fazemos sinceros votos para que assim seja.

DOIS ADMIRADORES BRACARENSES — Não, senhor, não morreram. Estão vivos e bem vivos, graças a Deus!

G. LWES — *Lisboa* — Não pensamos por enquanto, fazer reedições.

ADOLFO VALENTINO — *Lisboa* — Para entrar para o cinema, primeiro, o que é preciso fazer é conseguir a entrada. Para isso há uma infinidade de factores em que é necessario ponderar. Como quere o sr. Valentino corresponder-se com «Se ele soubesse», sem que se soubesse a sua morada? Se se soubesse, talvez «Se ele soubesse» lhe soubesse escrever.

A' BON ENTENDEUR, MARIO LISBOETA — *Lisboa* — Cá recebemos a sua cartinha. Alves da Cunha está, actualmente, trabalhando no Porto, em teatro. Respondemos um poucochinho tarde, mas... antes tarde do que nunca...

OLGA MARTINS — *Lisboa* — Para Leitão de Barros, pode escrever para a R. D. Pedro V, 18. Responde com certeza, como pessoa delicada que é.

MANUEL FERREIRA — *Figueira da Foz* — Sentimos, por enquanto, não poder, com segurança, responder á sua pregunta. Logo que isso nos seja possivel, satisfaremos o seu desejo.

ANTONIO JOSE' TRINDADE — *Porto* — Para adquirir os numeros que pretende, supômos que a melhor forma é dirigir-se aos leitores que os anunciam, pois nós não os temos, por estarem esgotados.

FERNANDO DA SILVA CASTRO — *Cucujães* — Qualquer outra informação, estamos ás ordens, mas a que pretende está muito fóra da nossa rotina.

ALEXANDRE DE MELO — *Matosinhos* — Na secção *Entre leitores* encontra certamente o que pretende, rapidamente.

UM BONITO — *Porto* — Talvez um dia veja realizado o seu pedido.

GAIATA IMPERTINENTE — *Lisboa* — Pela sua carta adivinha-se a vivacidade do seu espírito. Deve ser uma encantadora «Gaiata». Com o que não estamos de acôrdo é com o adjectivo «impertinente». Quem nos dera que todos fôssem como V. Ex.ª! Para satisfazermos o seu pedido é necessaria a sua direcção, para que «Céfenef» e «Jorge Perfeito Ramos» lhe respondam directamente, porque a nós não nos é possivel servir de intermediarios nas respostas. E... até breve.

MANUEL PIMENTA — *Coimbra* — O que V. Ex.ª pede não podemos fazer. Talvez desta vez consiga o seu intento. Se desejar, e desde que nos diga os numeros que pretende, nós comunicaremos, na secção *Entre leitores*, o seu pedido.

PRINCIPE ORLOFF — *Lisboa* — O seu protesto tem razão. E', de facto, para lamentar a falta de educação de muita gente. Mas se o mundo é assim, meu amigo, que lhe havemos de fazer?!

MIOSOTIS, SEREIA DE OLHOS VERDES — *Lisboa* — Avôzinho?! Olhe que ainda estamos longe dos quarenta. Embora seja uma palavra terna, o posto é demasiado elevado para a nossa idade. Lá chegaremos... «Piano, piano, si va lontano». Muito gratos pela sua dádiva. Pedimos licença para a retribuir, á vossa netinha, exactamente igual. A Werner Fuetterer deve escrever em alemão. Não precisa mandar coisa alguma.

entre leitores

FAUSTO GUIMARÃES — *Penafiel* — Recebe ofertas pelos seguintes numeros de *Cinegrafia*, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16. Dá os numeros 7, 9 e 10 á leitora que primeiro lhe envie a fotografia. Oferece, tambem, o n.º 12 á leitora que lhe envie a fotografia e que êle ache mais bonita.

E. MACHADO, ADVOGADO — *Albergaria-a-Velha* — Deseja corresponder-se com qualquer leitora da nossa revista.

ADLY CATROWITCH — *Lisboa* — Pretende saber se algum leitor recebeu retratos de Ivan Petrovitch e quanto tempo demorou a sua recepção. Respostas para a nossa redacção... Uma vez sem exemplo.

DAMA INVIOLAVEL — *Lisboa* — Faz a pregunta antecedente para os artistas Ramon Novarro, Barry Norton e Karl Dane. E' favor indicar sempre a direcção, para que as respostas sejam dadas directamente, pois a nós falta-nos o tempo para as encomendas.

ANTONIO LINO DE SENA RIBEIRO — *R. Garrett, 17, 3.º, Lisboa* — Vende os numeros 1 a 10, da nossa revista, por 60$00.

EUSEBIO O. F. — *R. Garcia da Horta, 59, 3.º, Lisboa* — Tem grande interesse em corresponder-se com Maria Teresa de Cabral e Mélisande. Oferece tambem um autografo de Clara Bow a quem lhe enviar uma carta «á sensation» sobre cinema.

MANUEL VIEIRA CLARO — *Rua do Pioledo, 77, Vila Real* — Troca os numeros, 1, 2 e 3 da nossa revista por fotografias autografadas, devendo, primeiramente, o leitor ou leitora dizer o nome dos artistas.

OSWALD MONTEIRO — *Rua 18 de Junho, 77, Olhão* — Tem uma grande biblioteca de cinema á disposição dos leitores. Oferece á primeira leitora que lhe pedir as fotografias de Douglas Fairbanks, Mary Pickford e Rodolfo Valentino, no formato de 18 por 24. todas autografadas. Ao primeiro leitor, oferece as de Norma Talmadge e Mary Glory, no formato 18 24, e de Pola Negri, em 14 19. Vende qualquer numero de revistas cinematograficas, nacionais ou estrangeiras.

F. SIMPLICIO — *Rua 4 de Infantaria, 36, 2.º, Lisboa* — Compra a 5$00 os numeros 1 e 5, de *Cinegrafia*.

ESTRADA DAS LARANJEIRAS, 40, 1.º, Dir. — *Lisboa* — Vendem os numeros 1, 2, 4, 5 a 13 da nossa revista, ao preço de 3$50 cada. O sr. Carlos da Silva Bentes escreve-nos, estranhando não obter resposta á carta que enviou.

GIORGIO GENEVIO — Via *Luco Giordano, 110, Napoles, (Italia)* — Informam-nos que êste senhor, conhecido enscenador italiano, pede, por nosso intermedio, para que todos aqueles que tenham interesse em ser artistas cinematograficos e se julguem fotogenicos, lhe enviem fotografias, (sem retoque), indicações sobre o passado artístico (se o houver), desportos que conhece e tudo quanto o interessado possa supôr ser-lhe util. Aradecemos.

JOSE' DIAS — *Rua dos Bragas, 130, Porto* — Troca os numeros 8 e 9 por uma fotografia de Greta Garbo ou Janet Gaynor.

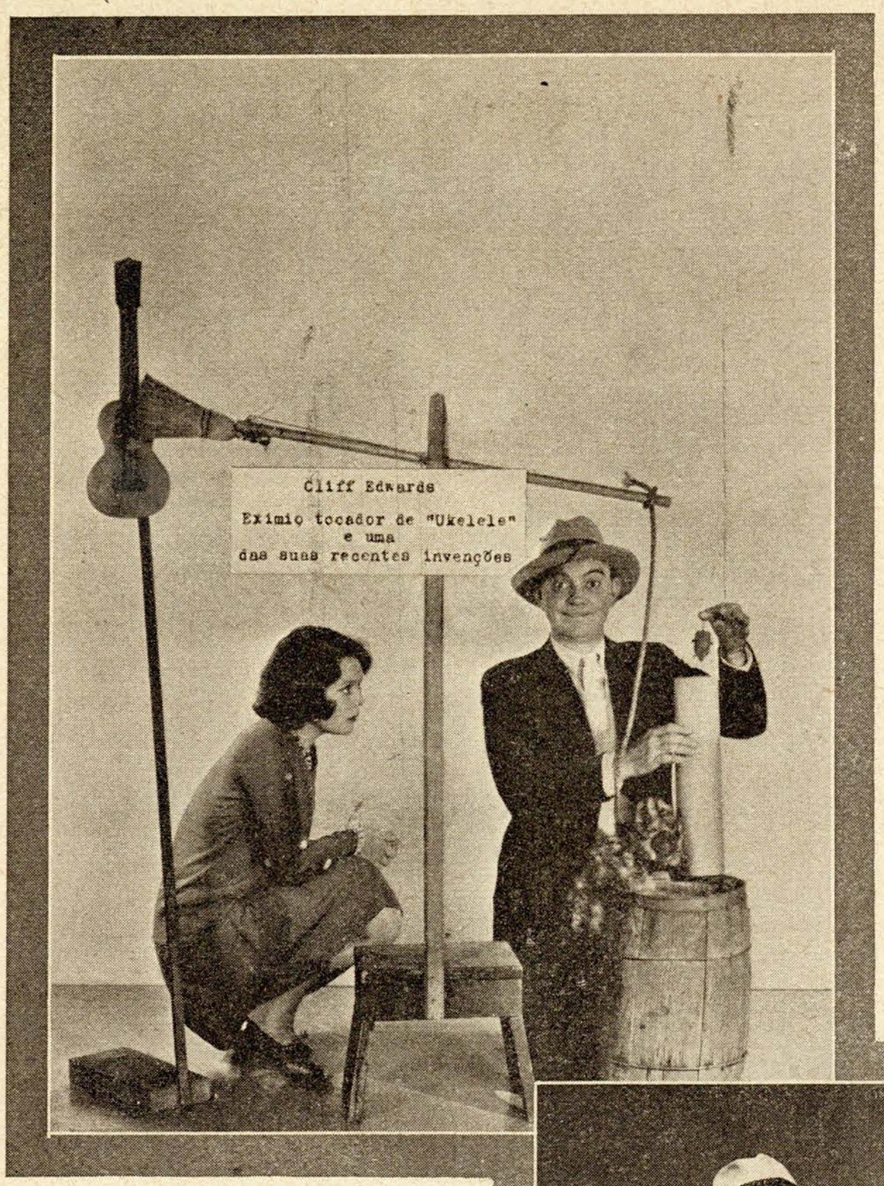
JOAQUIM BELCHIOR — *C. da Olaia, Sacavem (Lisboa)* — Cede os numeros 1 a 9 e 11 por qualquer outra coisa com o mesmo valor.

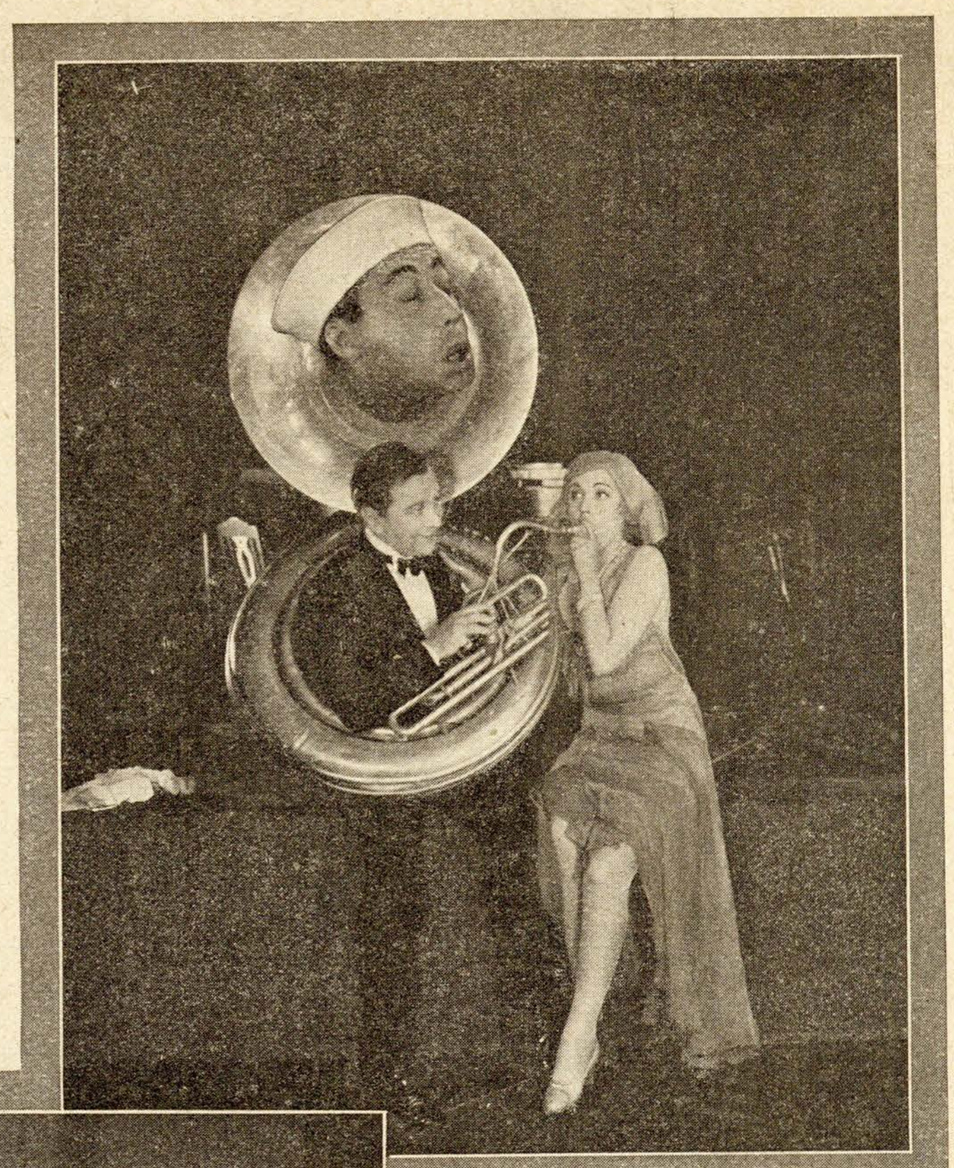
TOMAZ J. MIRANDA — *Liceu de José Estevão, Aveiro* — Oferece os numeros 2 e 4 da nossa revista aos primeiros leitores que os requisitarem.

UMA ADORADORA DO CINEMA — Não compreendemos o seu postal, por muito boa vontade que empregassemos. Escreva de novo, que deve ser bem sucedida, estamos certos.

CARLOS DA SILVA BENTES — *Tr. Camões, 12, Olhão* Transmitimos, nesta mesma secção, a sua estranheza. Lamentamos o sucedido, do que não somos culpados. Este leitor vende o n.º 7 a quem lh'o pedir.

CARNAVAL À PORTA





O Carnaval é a vida sem máscara. Porque as humanas gerações, refervidas num hediondo cinismo, apenas com a máscara afivelada sôbre o rôsto se atrevem a dar largas à verdade dos sentimentos. Andam o ano inteiro a expandir-se em falsidades, a exibir-se em mal contidos disfarces, para, num momento, em três dias de loucura que, são três dias de verdades, espalharem toda a maldade, toda a ignomínia dos suas almas perversas... Mas, como é convenção aceite conditar êsses dias da tirania do Rei Bôbo, como o período da graça sem limites e do chiste falsamente jocoso, não queremos também deixar de fingir que sômos muito engraçados, apresentando aos nossos leitores alguns enigmáticos disfarces de conhecidas caraças hollywoodenses. Quem tiver coragem para isso, que assente as mãos sôbre o abdomen, escancare as fauces e deixe correr o ruído alacre das suas gargalhadas.

Cinegrafia — *Pag. 13*

ESTREIAS

OLIMPIA, Fevereiro, 3.

O Navio de Cristal (Das brennende Schiff) — Este filme era ansiosamente esperado pelo nosso publico: — um nome português figurava nos cartazes, e esse nome era o de Artur Duarte, que, ainda o verão passado, nos visitou, deixando em todos que tiveram ocasião de o conhecer, as mais gratas recordações.

O argumento é pobre, talvez um pouco monotono para o nosso publico. A realização, de Constantin J. David, acertada, embora nada possua que a fizesse sobressair do vulgar. Alguns angulos, contudo, são bons.

Kæthe von Nagy revelou-se-nos uma ingenua de valor. André Nox bem. José Davert, distinguiu-se no papel de um capitão rude, verdadeiro «lobo do mar», como mandava a rubrica. Mary Kid e Mathilde Sussin — uma noiva e uma tia muito ambiciosas — representaram a contento; Eric Barclay tem, quanto a nós, nesta película, o seu melhor trabalho.

Os ultimos são os primeiros, costuma dizer-se. E, propositadamente, tratamos em ultimo lugar de Artur Duarte. A sua interpretação é sincera, agradavel e convincente. Possui um poder de exteriorização muito razoavel. Gostámos do seu trabalho, que merece elogio.

A fotografia é bastante irregular.

Como complemento de programa, *A Princesa Manequim,* uma comédia muito interessante.

Idade de amar é, para nós, a pior interpretação de Clara Bow.

Joe Sun

TIVOLI, Fevereiro, 3.

O rato azul (Die blaue Mans), uma das mais interessantes comédias da Ufa, em que a formosa e gentil Jenny Jugo é a «estrela». A sua figura senhoril não se presta, no entanto, ao desempenho do papel que lhe distribuiram — uma actriz como Lilian Harvey estaria melhor colocada neste filme. Jenny Jugo tem, contudo, scenas interpretadas com graça e que nos encantam. Harry Halm, bem. Albert Paulig, como sempre, um cómico muito bom. Os restantes interpretes valorizaram o filme com o seu bom desempenho. Fotografia excelente.

A Mãe. — Uma das principais razões do geral agrado com que o publico tem acolhido todas as produções cinematograficas russas, deve ser atribuída ao facto de êstes imprimirem a todas as suas obras um grande cunho de realismo. Em *Ivan, o terrivel,* já tivemos ocasião de vêr que os realizadores eslavos procuram, sempre que isso é possivel, apresentar-nos tipos absolutamente verdadeiros, ao contrário da forma como os outros procedem — alteração da verdade dos factos em holocausto á propria beleza física dos figurantes. *A mãe,* é uma adaptação da obra de Maximo Gorki, realizada por Pudovkine. Todo o drama intenso, descrito admiravelmente pelo grande escritor, foi transplantado para a tela com um acerto e cuidado, a que estamos, infelizmente, muito pouco habituados. De aí, quanto a nós, o poder classificar-se esta película como uma obra prima do cinema. A interpretação é excelente; a fotografia regular.

San

Fevereiro, 10.

Mascara de ferro. — O Tivoli, no filme que apresentou, recordou os celebres romances de Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros,* e as *Memorias de D'Artagnan,* de Courtilz de Sandras.

D'Artagnan ressuscitára. Douglas Fairbanks fê-lo a primôr. O mosqueteiro e espadachim turbulento, atleta, altivo, decidido e desembaraçado do romance estava ali, pelo seu rei e pela sua dama.

A *Mascara de ferro,* com as intrigas das côrtes de Luís XIII e XIV, os assassinios, as invejas fraternais, os assaltos, as perseguições, as fugas e os combates de «corpa-corp», prendem a atenção do espectador da primeira á ultima scena.

E' um filme-romance, em fascículos, que agrada ao publico, e de que êle espera ansioso o ultimo folheto, para saber o fim.

Allan Dwan foi meticuloso na realização.

Scenarios e guarda-roupa, recordando a França nos seculos XVII e XVIII, muito cuidados. Fotografia, muito nítida. Legendas, correctas, de Carlos Abreu.

Um outro filme do programa foi a comédia *Casamentos á prova.* Uma comédia graciosa, cheia de americanices, onde os casamentos se fazem e desfazem com a rapidez de um relampago. O publico riu... é tudo.

Sally Eibers, Thelma Todd, Jason Robards e Norman Kerry, com as rubricas dos seus papeis.

Scenarios, sem menção especial. Legendas, bem adaptadas. Fotografia, desfocada nos «grôs-plans».

T. C.

SÃO LUIZ CINE, Fevereiro, 4.

Aventuras de Anny. — Um filme de Anny Ondra — não a conhecem? E' aquela gentilissima artista de que *Cinegrafia* publicou uma interessante fotografia na primeira página de texto do numero de Natal. Não a viram em *Suzy Saxofone?* Não a admiraram em *Viva o amor?* Não foram ao Odéon vêr *Anny Montparnasse?...* Se os nossos leitores tiverem lido as modestas apreciações aqui publicadas acerca dos filmes da gentil mulher de Lamac, ficam de antemão conhecendo quanto apreciámos mais êste trabalho da travêssa artista checa.

Vingança. — Um filme de Dolores del Rio, mas, infelizmente, a versão muda de uma «talkie». Ora as versões das «faladas» têm sempre um defeito: a acção é monotona, lenta e os artistas raramente podem reve'ar-nos as suas qualidades histriónicas.

Fotografia regular; a realização deu-nos uns interessantes quadros, reprodução das festas dos ciganos. Interpretação... de versão muda de uma «talkie».

Fevereiro, 11.

Manolesco era aguardado com o maior dos interesses — o barulho do réclame feito em torno desta ultima realização de Turjansky para a Ufa motivou essa ansiedade. Quatro «astros» dos de maior scintilação nos «studios» de Neubabelsberg figuram como principais interpretes desta produção que o celebre animador de *Volga-Volga* dirigiu. Era, portanto, justificado o interesse do publico, que acorreu ao São Luíz.

Manolesco não grangeou totalmente as simpatias do publico. Porquê? Interpretação excelente, scenarios cuidados, realização optima... e, contudo, os espectadores ficaram frios... Os dias de gloria de Ivan Mojuskine já passaram: é conhecida a sua velhice, que já não se presta ao desempenho de papeis *donjuanescos;* bem se esforçam os técnicos em mascarar as rugas do ainda hoje grande comediante com «trucs» de que resultam uma fotografia bem pouco nítida. A triste realidade, fica, contudo, sempre bem patente á vista. Brigitte Helm é uma artista, na genuina acepção da palavra. Heinrich George, magistral nas ultimas scenas. Mas os nossos louvores devem ir, na sua maior parte, para uma jovem artista, que desempenhou o seu papel com muita leveza e inteligencia — Dita Parlo.

A realização optima; fotografia prejudicada pelo «flou» que se empregou para esconder as rugas da cara de Mojuskine, e por ser esta cópia um «contra-tipo».

Pori é um documentario que chegou até nós precedido de grande fama, tendo-se chegado a afirmar ser superior a *Chang.* Não o é: *Pori* é um filme que se vê com muito interesse, sendo para lastimar que os actores se desempenhem tão mal dos papeis de que os encarregaram.

Boneste

CENTRAL, Fevereiro, 3.

O ajudante do tzar. — Ivan Mojuskine tem o seu publico especial. Aqueles personagens de «capa e espada», em que o estamos habituados a vêr, foram actualizados. *O ajudante do tzar* é um mixto de romance e de conto de aventuras, ao qual não falta, até, o combate por sua dama... Ivan está já velho para estes papeis e... repete-se. Carmen Boni não nos agradou. Realização vulgar. Fotografia prejudicada pela necessidade de encobrir as rugas da cara de Ivan Mojuskine. E... mais não escrevemos, porque não há espaço.

Boneste

CONDES, Fevereiro, 4.

A Morte Cansada. — Thea von Harbou fez o argumento. Um argumento cheio de fantasia, cuja síntese é: *a morte é invencivel.*

Em volta dêste axioma, Fritz Lang realizou o filme. O personagem principal é Bernhardt Goetzke, que desempenha o papel de «A Morte». «A Morte» materializada, cansada de matar, dá um dia de tréguas e percorre o mundo. Entra numa casa onde estão uns noivos. Invejosa da felicidade daqueles, não resiste á tentação de exercer o seu poder e mata o noivo. Transporta-o á sua mansão. A noiva, tomada de desespero, procura «A Morte» e ao encontrá-la, diz-lhe que o Amor pode mais do que ela. Como prova do contrario, «A Morte» dá-lhe a guarda de três velas acesas, que representam outras tantas vidas amorosas e diz-lhe que se ela conseguir evitar que a luz se extinga, lhe restitui o noivo. As velas consomem-se e as luzes apagam-se. Compreende então que não se pode resistir aos seus desígnios e implora á «Morte» que a deixe ir fazer companhia ao seu bem amado.

Isto é o filme. Macabro e tétrico como o nome já por si indica.

Como realização, nada temos a apontar, a não ser as scenas passadas na China, com o tapete voador, scenas inverosimeis e dos contos das «Mil e uma noites».

Scenarios, adequados. Fotografia, muito boa. Legendas, bem adaptadas.

A Jornada Maravilhosa, outro filme do programa, é uma comédia americana, com um fiosinho de sentimentalismo, que se vê sem enfado. Tem scenas cómicas que por varias vezes obrigam o publico a mostrar o seu agrado com o riso franco. E' a vida

(Continua na página 18)

Brigitte Helm, a grande "vamp" alemã, que ultimamente vimos em Mandragora, O iáte dos sete pecados, *e que Lisboa admirou, mais uma vez, em* Manolescu.

Cinegrafia

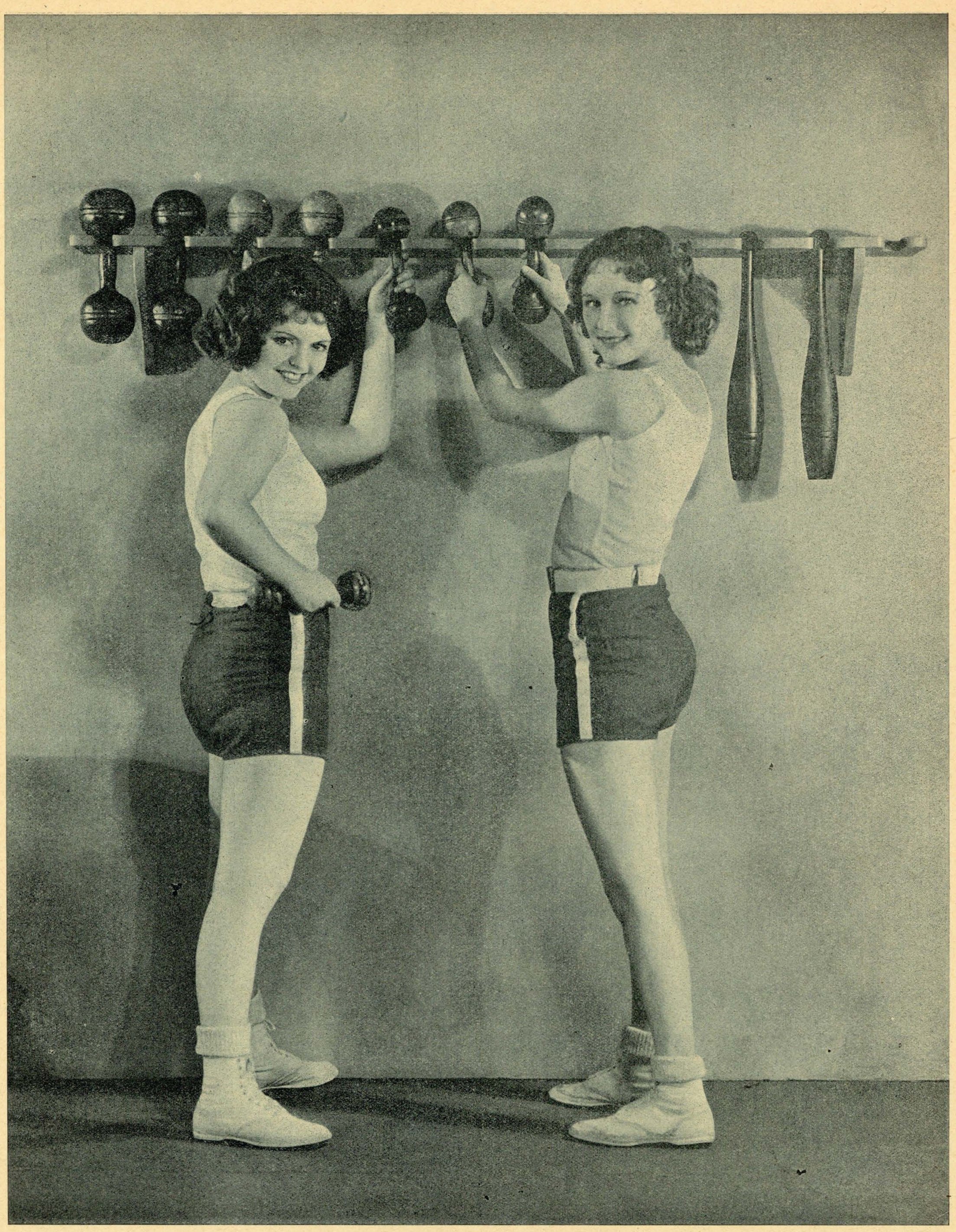


Foto Clarence Sinclaire Bull

Duas vedetas da "Metro„, Sally Starr e Dorothy Jordan, seguem o velho preceito—mens sana in corpore sano...

Cinegrafia

INDICE ALFABETICO
DOS
ARTISTAS CINEMATOGRAFICOS

DORIS KENYON — Saint Louis (Mo.); casado com Milton Sills — *Borboleta de ouro, O crepusculo, Homens de aço, Luz nas trevas, Almas errantes, A perola vermelha,* etc. — First National Studios, Burbank, California.

DOROTHY CULLIVER—Universal Pictures Studios, Universal City, California.

DOROTHY FANC—12ª, Sloane Gate Mansions, S. W., Londres.

DOROTHY GISH — Irmã de Lilian Gish — *A favorita de Carlos II.*

DOROTHY JANIS — Verdadeiro nome: Dorothy Penelope Jones — 19 de Fevereiro de 1910 — *Fleetwing, Kit Karson, Humming Wires, The pagan* — Tem 4 pés e 11 polegadas de altura. Pesa 50 quilos. — Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California.

DOROTHY MACKAILL—Hull (Inglaterra), 4 de Março de 1903. Casada com o realizador alemão Lothar Mendes. — O seu primeiro filme foi *The face at the window, Lotus Ester, Birds of Life, A mulher pintada, A senda do vicio, A taça de cristal, Changeling, Waterfront, The Barker.* — Altura, 1,70. Olhos pardos, claros, cabelo louro. Pesa 54 quilos. Era dançarina e saiu do «Hippodrom Theater», de Londres, onde era a «estrela» da revista «Joy Bells», para interpretar o principal papel em *The face at the window,* que foi o seu primeiro filme. — First National Studios, Burbank, California.

DOROTHY MOODY — 92, Upper Tulse Hill, S. W. 2, Londres.

DOROTHY REVIER — Fox Studios, 1041, N. Western Avenue, Hollywood, California.

DOROTHY SEBASTIAN — Birmingham (E. U. A.), 1907. — Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California.

DOUGLAS FAIRBANKS — Denver (Colorado), 23 de Maio de 1883 — Nome completo: Douglas Elton Thomas Fairbanks. Divorciado de Beth Sully, de quem teve o filho, Douglas Fairbanks Junior. Actualmente casado com Mary Pickford. — *O pirata negro, Os três mosqueteiros, Mascara de Ferro, O sinal do Zorro, Don X, filho de Zorro; Gaúcho, O tímido, O ladrão de Bagdad, The Taming of the Shrew,* etc. — Diz-se que desde criança mostrava uma grande tendencia para a acrobacia, tendo aos dez anos de idade conseguido organizar, com outros garotos, uma verdadeira *troupe* teatral. Foi jornalista. *O tímido* foi o seu primeiro filme. Tem de altura 1,72. — United Artists Studios, 1041, Formosa Avenue, Hollywood, California.

DOUGLAS FAIRBANKS JUNIOR — 9 de Dezembro de 1910. Casou-se em 1929 com Joan Crawford. — *Raparigas modernas, A luva de ferro, Os dois orfãos de Hollywood, Mulheres e joias,* etc. — E' filho de Douglas Fairbanks e de Beth Sully. — First National Studios, Burbank, California.

DOUGLAS MUNRO — Green Room Club W. C.

DOUGLAS PAYNE—29, Arragon Gardens, Streatham Common S. W. 16.

DROMLEWICZ ZOFJA—Królewska 29a., Varsovia.

DURRER LANTELME — Berlin-Halensee, Kurfürstendamm, 70.

(Continua na página 19)

Temos frequentemente oferecido aos nossos leitores fotografias de gentis grupos de "girls„, Cinegrafia, *desejando de igual sorte comtemplar as suas formosas leitoras, publica hoje êste interessante quadro de não menos gentis "boys„, que figuram na comédia da "Aafa„* — Die fidele Herrenpartie.

ESTREIAS

acidentada de um rapaz pobre que o acaso faz milionario e de uma rapariga, modesta professora de piano, que, com o produto das suas economias, pretende experimentar, durante três dias, a vida luxuosa e rica, fingindo-se milionária. Dolly Davis e André Roane, interpretam a primor os principais papeis. Os restantes personagens bastante bem.

Scenarios, vulgares. Fotografia, muito boa. Legendas, de D. Maria do Vale, optimas, com inteligencia.

Orquestra: Ouvimos umas variações da «Dansa Macabra», de Saêns-Saêns, e não exageramos se dissermos que todas as musicas adaptadas foram «sans sens».

Fevereiro, 11.

Adoração (Adoration). — Este filme é mais um dos muitos filmes proporcionados pelo movimento revolucionario russo, intercalado de uma vulgar novela de amor.

Mostra-nos, mais uma vez, os ricos que ficam pobres e os pobres que ficam ricos.

O argumento, de Lajos Biros, é vulgar e banal, já muito conhecido.

Billie Dove, no papel de Helena, a princesa, teve arte e viveu os momentos de amargura, rubricados. Antonio Moreno, desempenhou, com perfeição, o principe Serge. Os restantes interpretes, «comme il faut».

Scenarios, cuidados. Fotografia, boa. Texto, correcto, de Carlos Abreu.

Finalizamos com uma pregunta: Porque não procura a orquestra adaptar-se melhor aos filmes?

ODÉON, Fevereiro, 5.

Caprichos de Amor, ou *Caprichos de Mulher,* outro título que em nada altera o filme, visto tratar-se de uma mulher milionária que, muito embora ame, pretende auxiliar um homem a pretexto de capricho, ocultando a verdadeira razão do seu gesto. Só lhe diz a verdade decorrido bastante tempo e depois das constantes recusas do homem por quem está apaixonada.

Maria Jacobini, no papel de Ketty Talbot, a milionaria enamorada, continua sendo a grande e formosa actriz de sempre, capaz de seduzir e apaixonar o mais renitente.

Jack Trevor, desempenha razoavelmente o papel de Robert Berry.

O filme vê-se com o interesse e agrado com que se poderá lêr um romance de amor de uma centena de páginas, cujo princípio agrada e do qual, depressa se quere saber o fim.

Realizador: Robert Wiens. Scenarios, cuidados. Fotografia, nítida. Legendas: correctíssimas, de Chagas Roquete.

Um outro filme fazia parte do programa: *Porque não casas?* E' uma comédia ligeira, com um «qui-pro-quo» interessante. O publico riu, e nós — a verdade seja dita — tambem rimos.

May Mac Avoy, no papel de Celyne, é uma rapariga graciosa e encantadora. Conrad Nagel desempenha com correcção e sem exageros o papel de major Smith.

Scenarios, cuidados. Fotografia, boa na generalidade; «grôs-plans» desfocados. Legendas, bem adaptadas.

Fevereiro, 12.

A Noiva 68. — E' uma adaptação do romance de Peter Pold. E' um filme interessante para estudar e admirar expressões. Vimos algumas, maravilhosas. O título de *A Noiva 68,* não nos agradou, é um detalhe e não o filme. Dick, é o personagem principal, o homem que anseia por uma mulher, numa terra onde as não há, o desequilibrado, o vingativo, a verdadeira síntese do filme, enfim, interpretado por Conrad Veidt, que dificilmente deixa atinar com a razão de alguns dos seus ataques. No começo do filme é apresentado como um homem normal; instantes depois, sem motivo forte e aparente, tem gestos e expressões de um tarado, de um louco. Se quisermos vêr em Dick, o homem e não o interprete de um drama, podemos dizer que Conrad Veidt é surpreende, maravilhoso e inexcedivel nas suas multiplas expressões. Como interprete, apresenta, demasiadamente depressa, um desequilíbrio mental grande. Precipita. Elga Brink, tem, por vezes, belas expressões no papel que lhe coube, interpretando Evelyn, *A Noiva 68.* Os restantes artistas, têm scenas extraordinariamente expressivas.

Do que está feita — e dizemos assim porque achamos a finalidade demasiadamente precipitada — e da sua técnica, nada temos a apontar.

Do conjunto da interpretação, podemos dizer que é bom, perfeito e correctissimo.

Fotografia: um tanto irregular. Algumas scenas bastante «fluo». Scenarios, cuidados. Legendas, bem adaptadas, por Chagas Roquette. Realizador, Carmine Gallone.

Uma das legendas da apresentação diz que a acção decorre no seculo passado. Porquê? O seu entrecho tanto pode ser do seculo XIX como do seculo XX. Por causa da forma como era exercida a justiça popular?! Supômos que não, visto que essa justiça, foi, é, e será de todos os tempos. Depende da ocasião e do lugar.

Lua de mel era outro filme do programa. Uma comédia ligeira, cómica por vezes, e tambem por vezes um poucochinho monótona.

Margot Landa, interpreta com graciosidade o papel de Kethe, uma rapariga estudante. Harold Panlsen, Max Schutz, correcto, sem exageros.

Fotografia, muito razoavel. Scenarios, sem menção especial, cuidados. Texto: perfeitíssimo, de Chagas Roquette. Realização, de E. W. Emo. Orquestra: muito bem, tanto num filme como no outro.

T. C.

TIVOLI, Fevereiro, 17.

Os quatro filhos é uma produção Fox, que vive principalmente do extraordinario desempenho de Margaret Mann. Esta realização de John Gord ganhou o primeiro prémio da importante revista «Photo-Play» e ganhou-o muito justamente. Diremos, apenas, porque o espaço é pouco, que toda a acção do drama é magistralmente conduzida e interpretada. Unicamente, o desfecho se nos afigura ser demasiadamente optimista, americano. A figura do carteiro, muito interessante, recordou-nos, nas primeiras scenas, um filme que todos admirámos — *O ultimo dos homens.* Todos os interpretes muito bem. Fotografia regular.

E' êste um dos êxitos, e grande é êle, do elegante Tivoli.

San

CENTRAL-CINEMA, Fevereiro, 17.

Rapsodia hungara. — Não foi, desta feita, iludida a nossa espectativa. Habituados a vêr «caír» entre nós os filmes que do estrangeiro vêm precedidos de grande fama, esperavamos que a celebridade da produção Erich Pommer-Ufa não fôsse justa. Felizmente, enganámo-nos: *Rapsodia hungara* é um belo filme.

O enredo é mais uma história de amor, um conto romantico transplantado para a téla. Diremos mesmo que o argumento é vulgar e facil de adivinhar logo após o desenrolar das primeiras scenas. Mas, a interpretação, aliada a uma grande técnica, asseguram ao filme enorme êxito; são êstes dois factores, quanto a nós, que afirmaram bem alto todo o valor desta película.

Dita Parlo é uma «ingenua» de valor. Representou bem e com coerencia o papel duma jovem camponesa hungara apaixonada por um fidalgo arruínado. Lil Dagover é uma artista de todos conhecida e não desmereceu dos seus justos créditos em *Rapsodia hungara.* Willy Fritsch foi o galã, um galã correcto e impetuoso... Harry Hardt e E. Kaiser Titz muito bem.

A realização, optima. Pena é que esta cópia que, como a de *Manolesco,* é um «contra-tipo», não permita a apreciação da realização em todo o seu valor.

Felicitamos J. Canhão pela feliz e cuidada adaptação musical.

Em resumo: um filme que toda a Lisboa irá certamente vêr, e que se manterá por largo tempo no Central.

Filhos da tempestade. — Fotografia excelente, desempenho e argumento péssimos. Paisagens formosissímas.

D.

SÃO LUIZ CINE, Fevereiro, 18.

A Multidão. — O extraordinario drama realizado por King Vidor foi, finalmente, exibido. Já o conheciamos e admiravamos, porque *A Multidão* marca uma nova fase nas grandes produções americanas. Este filme da «Metro» é belo porque é a vida em toda a sua pujança de luta, em toda a intensidade do eterno «strugle for life». O argumento é conhecido dos nossos leitores.

Interpretação: James Murray revelou-se-nos um actor de optima máscara: Soube darnos todas as cambiantes dos mais antagonicos sentimentos, desde a alegria infantil até á mais intensa dôr humana. Eleanor Boardman, gentil figura de burguezinha «yankee», mimou com muito sentimento algumas scenas: é, indubitavelmente, uma grande actriz. Os restantes interpretes, Bert Boak, Estelle Clark, Daniel G. Tombinson, Lucy Beaumont, Freddie Burk, Alice Mildred Puter, etc., muitissimo bem.

Realização: é êste o ultimo grande filme mudo de King Vidor. Ao fechar a série das «silenciosas», o grande realizador fê-lo, podemos dizê-lo, com chave de ouro. A realização é muito cuidada, focando os pormenores com absoluto sentido artístico, não caindo em exageros; em resumo, uma realização perfeitíssima.

Fotografia, cuidada.

As legendas, bem adaptadas, merecem, contudo, um pequeno reparo: não é natural que um rapaz, minutos depois de ser apresentado a uma rapariga, a trate por tu. Bem sabemos que em inglês apenas se emprega, no tratamento entre pessoas, a segunda pessoa do plural. Talvez que o pensamento do tradutor e adaptador das legendas fôsse uniformizar o uso das flexões dos verbos com a segunda pessoa do singular, á semelhança do que faziam os romanos e ainda hoje os arabes. Mas... trata-se duma adaptação e a nossa língua é tão rica, graças a Deus, que nem mesmo era necessario empregar o hoje corrente «você» para não se caír em semelhante falta de... delicadeza para com uma senhora...

A.

Cinegrafia — *Pág. 18*

INDICE ALFABETICO

(Cont. da pag. 17)

E. BROMLEY DAVENPORT — 24 Pelham Street, Londres S W 7.

E. CYRIL STANBOROUGH — 62, Upper Richmond Road, East Putney, Londres S. W. 15.

E. D. LEONARD — *Quartier latin (Bairro latino), Os três reis, Panico, Em frente á morte,* etc. — Eisenacherstr. 120 — Berlin W 30.

E. G. DE MEYST — (Realiz.) — 20, Bucklersburg, Londres E. C. 4.

E. VAN DÜREN — Fiume — *Attraction* (First National), *Figaro,* etc. — Entrou para o teatro como dançarino. Franco-Film, 1 bis, Rue de Billancourt, Paris.

EDDIE CANTOR — *A testemunha imprevista*—Paramount Studios, Hollywood, California.

EDDIE LEONARD — Universal Pictures Studios, Universal City, California.

EDDIE NAGENT — Nova York, 7 de Fevereiro de 1906. Entrou para o cinema em 1928 (Março)—Paramount Famous-Lasky Studios. 5451 Marathon Street, Hollywood, California.

EDDY POLO — Berlin S W 48. Frieddrichstr. 247.

EDDA CROY — Berlin N W 40. In den Zelten 22.

EDITH JEHANNE — *O amor de Joana Ney, Le joueur d'échecs, Tarakanowa,* etc. Franco-Film, 1 bis, Rue Billancourt.

EDMA MAY — M. G. M. Studios, Culver City, California.

EDWINA BOOTH — 1907 — *Trader Horn.* — Olhos azues e cabelos ruivos. — M. G. M. Studios, Culver City, California.

EDOUARD VON WINTERSTEIN — Niebuhrstr. 4 — Berlin-Charlottenburg.

EDWARD BAIRD—172, Goldhurst Terrace. West Hampstead Londres N. W. 3.

ELEANOR BOARDMAN — Filadelfia, 19 de Agosto de 1898. Casada com King Vidor — *Ressurreição, A multidão, She goes to war (Ela vai para a guerra), A eterna historia, O nono mandamento,* etc. — Entrou para o cinema em 1922, depois de um concurso de beleza. — M. G. M. Studios, Culver City, California.

ELGA BRINK — *A noiva 68* — Pragerstrasse 31, Berlin W. 50.

ELINOR FAIR — Casada com William Boyd — *O barqueiro do Volga, O veleiro triunfante,* etc. — Pathé Studios, Culver City, California.

ELISABETH BERGNER — *O violinista de Florença* (seu primeiro filme), *A duquesa de Langeais, Fraeulein Else.* — Faradayweg 15, Berlin Dahlem.

ELISABETH BRANDT — 39, Glowcester Gardens, Londres S. W.

ELISA LA PORTA — Craiowa (Roménia) — *O estudante de Praga,* etc. Estreou-se no teatro com 16 anos de idade. O seu primeiro grande papel foi em *O estudante de Praga.* — Berlin Westend Kurlanderalle 1

ELLEN RICHTER — Casada com o dr. Wilhelm Wolf — *As mais lindas pernas de Berlim, A aventureira de Monte Carlo,* etc. — Berlin-Hallensee Cicero-strasse, 26.

CALÇADO ATLAS

As novas instalações de maquinaria que acabam de ser montados para expansão da nossa industria com processos de fabrico mais modernos, permitem-nos fazer redução nas nossas tabelas de preços, que já estão em vigor nos depositos da

Rua Aurea, 198
Rua Augusta, 149
Rua do Carmo, 87-D
Rua do Loreto, 38

Postais de cinema
a
$80
Fotografias 18×24
a
4$00
SEMPRE NOVIDADES
145, Rua da Palma, 147

Os grandes astros do Cinema gravam para

"His Master's Voice"

B 3073 { **Louise (do filme «Innocents de Paris»)**
On top of the world, alone (do filme «I. de Paris»)
(Baritono) com acompanhamento de Orquestra

É o primeiro disco «His Master's Voice» de *Maurice Chevalier.* o grande cantor de revista que, tendo conquistado o público de Paris e depois o das grandes capitaes europeias e norte americanas, se dedicou ao filme sonoro.

Êste ídolo tendo visto nítidamente a grande superioridade da gravação «His Master's Voice» firmou com ela um contracto de exclusividade enriquecendo assim a já enorme lista de cantores exclusivos desta marca, universalmente conhecidos e admirados.

B 3131 { **I'm feathering a nest (do film «Honky Tonk»).**
I'm doing what I'm doing for love (do filme «Honky Tonk»).

Como Chevalier, *Sofia Tucker* acaba de ser contractada para gravar exclusivamente na "His Master's Voice„. O seu nome no cartaz atrai multidões, e dizem que ela é o único génio que o Jazz produziu. Êste disco dá-nos uma pequena amostra da artista que agora se dedica também ao filme sonoro.

Agentes gerais da marca

R. Augusta, 150 - LISBOA

R. St. Catarina, 192-PORTO

Foto M. G. M.
Excl. Port. Cinegrafia

Dorothy Sebastian, vedeta do novo filme The unholy night (A noite profana), *realização de Lionel Barrymore, acabou, há pouco tempo, um quadro que tem sido muito apreciado.*